

O Castelo dos Mouros, Castro do Monte de S. Paulo e a sua Calçada de Alpajares (Freixo de Espada-à-Cinta)

POR

J. R. dos Santos Júnior (*)

Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia

O Castelo dos Mouros do Monte de S. Paulo ou dos Alpajares, é um Castro.

Fica em termo da freguesia de Poiares, concelho de Freixo de Espada-à-Cinta, e a cerca de 10 km a sul da sede do concelho, pelo nascente da estrada de Freixo à Quinta de Santiago, que foi propriedade do grande freixenista Almirante Sarmento Rodrigues.

O Monte de S. Paulo é assim chamado por ali ter existido uma capela consagrada a S. Paulo, capela que foi derruída para com a pedra construírem o pombal que ali existe. Junto do pombal vi um lanço de parede à flor da terra que me disseram ser resto da capela.

O cabeço está plantado de amendoeiras e fica sobranceiro à Ribeira do Mosteiro, que corre, pelo nascente, na base da encosta abrupta e rochosa, e vem desaguar no rio Douro, a cerca de 1 km a montante de Barca d'Alva.

Alertado pela notícia de um achado arqueológico num pequeno castro sobranceiro à célebre *Calçada de Alpajares* perto de Poiares, ali fui em 1 de Março de 1975.

Parei em Poiares. Procurei o Sr. Augusto Lourenço, proprietário do terreno onde aparecera o tal achado arqueológico.

(*) Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4470 Maia.

O Sr. Augusto Lourenço não estava.

Conseguimos avistar-nos com o Sr. António Augusto Durão, antigo e distinto funcionário do quadro administrativo de Angola, que foi Presidente da Câmara Municipal de Freixo de Espada-à-Cinta.

O Sr. Durão, que tinha ido ao sítio do tal achado arqueológico, informou que devia ter sido uma sepultura, porquanto ali viu alguns restos de ossos humanos. Entre eles uma porção da diáfise de osso longo com 7,4 cm, uma dúzia de pedaços de outros ossos, também humanos, e apanhou o caco que vai reproduzido na Fig. 17.

Mais informou que ao lado e abaixo do pombal do Monte de S. Paulo existem duas sepulturas abertas na rocha, que em 1932 ou 1933 se lembra de as ver ainda com tampas de pedra.

Mais disse que em Julho de 1973, ao lavrarem o amendoal, também perto do pombal, o arado empancou noutra sepultura, essa de lajes aos lados, mas vazia.

Ainda outra informação.

Um pedreiro de Poiares, de nome António Rufino, teria encontrado «no Alpajares (sic) uma pedra com letras que deu ao Padre João Manuel Afonso, então pároco em Poiares». Não se sabe onde pára tal pedra.

O tempo agreste e de chuva não me permitiu ir até ao Monte de S. Paulo, o que, no entanto pude fazer passadas quatro semanas.

Voltei ao castro em 28 de Março de 1975.

Deixei o automóvel à foz da Ribeira do Mosteiro, na estrada de Barca d'Alva a Freixo, e fui a pé até perto da encosta do Monte de S. Paulo, onde serpeia a *Calçada de Alpajares*, trepando em 28 lacetes aquela íngreme e pedregosa ladeira.

Numa casa de boa horta e laranjal, um dos companheiros daquela jornada, o Sr. Abel Maria Neto Parra, proprietário local, ali bem conhecido e considerado, conseguiu a cedência de um burro que me levou ao alto pela custosa subida da calçada. Parte subi-a a pé para tirar fotografias. O tempo irregular do céu com nuvens e algumas abertas de sol, com repetidas variações

de luz não permitiu que as fotografias resultassem como seria para desejar.

Voltei ao castro em Fevereiro de 1980.

O CASTRO

O Monte de S. Paulo, que, como já se disse, está plantado de amendoeiras é um pequeno reduto castrejo.

Da muralha subsiste apenas um resto escasso, junto do sítio onde terminava a calçada, e esse mesmo pouco significativo (Figs. 12 e 13).

No topo cimeiro e do lado sul há uma crista de quartzites que constitui defesa natural. Ali se vêem alguns pedaços de parede, recente, entre duas fragas.

Do lado nascente, sobranceiro à Ribeira do Mosteiro, o amendoal termina no alinhamento dum muro com 35 a 40 m de comprimento que pode bem ser a base da muralha que ali teria havido.

Aquele pretenso resto de muralha foi acrescido com alguma pedra miúda para aguentar a terra.

Da muralha dos lados norte e do poente nada se vislumbra à superfície da terra, que dela dê sinais.

A falta de restos de muralha dos lados norte e poente não permite dar a justa forma que teria o reduto, nem a suas dimensões precisas. Apenas, e por estimativa, se pode admitir que a área daquele castrinho seria arredondada, com um diâmetro de 50 a 60 metros.

O amendoal tem, aqui e ali, muretes em socalcos a aguentar a terra, que bem podem ter sido feitos com pedra tirada da pretensa muralha.

ACHADOS

O que pude ver à superfície do terreno, nas duas visitas que fiz ao Monte de S. Paulo, foi muito pouco. Alguns pedaços de cerâmica grosseira e pequenas porções de ossos muito danificados.

Cerâmica

À superfície do terreno, sucessivamente lavrado para o conveniente granjeio do amendoal, vê-se alguma pouca cerâmica e grosseira.

Vi pedaços de telha de rebordo, tégula, pequenas porções de telha de caleira ou de capelão, que podem muito bem ser restos da cobertura da capela, que, como se disse, foi destruída para com a pedra da mesma fazer o pombal.

Não vi um único pedaço de cerâmica granosa e micácea, carácter da olaria tipicamente castreja.

Quase no alto do amendoal alguém fez uma escavação que pôs a descoberto duas paredes postas lado a lado. Uma com 7 m a descoberto, e se continua para cima, é feita de pedra miúda de xisto e tem 50 cm de largura. Esta primeira parede é ligeiramente arqueada e corre ao lado da outra e dela separada de 70 a 90 cm. Entre as duas, e por baixo da base da segunda, vi uma pequena cova que se julga ter sido escavada por pesquisador de tesouros.

Em cima da primeira parede vi dois pedaços de tégula e três pedaços de tijoleira, ladrilho ou mosaico ou folha mediana de tégula.

Em casa do Sr. António Augusto Durão, em Poiares, vi alguns pedaços de telha de rebordo e uma porção da pança de um vaso de cerâmica sigilata, por ele encontrada em julho de 1973 perto do pombal.

Trata-se da porção de um grande vaso de pasta fina, com verniz castanho avermelhado na face externa e negro na face interna.

O Sr. Durão ofereceu-me para estudo este caco, subtriangular, com 75 mm de altura, base com 65 mm, lado menor com 61 mm e o lado maior com 88 mm (Fig. 17).

Posto na posição que mostra a fotografia, e de cima para baixo, vê-se um círculo com dois diâmetros postos em cruz e em cada um dos quadrantes um disco com pequena depressão central em pequenina argola. Segue-se um fino cordão, paralelo e

concêntrico com a circunferência que limita o círculo cimeiro; este cordão limita duas faixas estreitas, com cerca de 5 mm, enfeitadas com crescentes; os da fila de cima abertos para a esquerda e os da segunda fila abertos para a direita: na fila de cima contam-se 15 ou 16 crescentes e na fila de baixo 14.

Segue-se um cordão em circunferência concêntrica com as anteriores e logo outro cordão similar e paralelo; estão ligados por barras dispostas em degraus de escada. Contam-se 10 destas barras, a última das quais em consequência da quebradura reduzida à metade superior.

Um cordão rectilíneo, não muito acentuado, passa a 5 mm da convexidade do cordão anterior, e margina superiormente uma faixa com três losangos tendo cada um deles no meio, e acima e abaixo dos vértices com que contactam, pequeninos discos com depressão central, em pequeninas argolas.

Na parte inferior vê-se um resto de cordão em arco, possivelmente resto de outra circunferência, donde irradiam oito pequenas barras também postas em degraus de escada.

A distinta arqueóloga Dr.^a D. Adília Alarcão, que foi Assistente da Faculdade de Letras de Coimbra e é prestigiosa directora do Museu Monográfico de Conímbriga, a quem enviei um decalque do pedaço de pança do vaso de cerâmica sigilata, gentilmente me deu dele a seguinte e apreciada lição, que se transcreve:

Fragmento de «terra sigillata» hispânica tardia de forma Dragendorff 37, muito provavelmente produzida em Najera (Vale do Ebro) onde se encontraram fragmentos de moldes e vasos com motivos decorativos idênticos aos do vaso do Castro dos Alpajares ⁽¹⁾.

É interessante notar que o «verniz» da face interna se apresenta negro o que denota insuficiente controlo das condições

(1) Cf. Tomas Garabito Gomez, *Los Alfares Romanos Riojanos — Producción y comercialización* Madrid, 1978, fig. 116, n.^{os} 1, 4, 7 (arcos ou coroas de círculos com linhas onduladas radiais); n.^o 2 (coroas de círculo com aspas) e n.^o 9 (argolinhas).

de cozedura; este defeito observa-se frequentemente em vasos desta época (Séc. IV-V d.C.).

A descoberta relativamente recente do centro oficial da região de Rioja veio revolucionar as ideias existentes sobre a produção de «terra sigillata» na Península Ibérica e sua comercialização. Hoje pode ter-se a certeza de que toda a «sigillata hispânica» consumida na área que Portugal ocupa, veio do Séc. I ao Séc. V das principais oficinas daquela região.

Aproveito o ensejo para, mais uma vez, agradecer à ilustre colega e distinta arqueóloga a esclarecida e erudita lição que se acaba de ler.

No dia 5 de Fevereiro deste ano de 1980 voltei ao Castro do Monte de S. Paulo e à Calçada de Alpajares. No regresso, em Freixo de Espada-à-Cinta, no gabinete do Sr. Ambrósio Alberto Alves Guerra, ilustre Presidente da Câmara Municipal, pude ver um pedaço de tégula e grandes bocados de telhões, trazidos do Monte de S. Paulo. Renovo agradecimentos ao Senhor Presidente Alves Guerra pelas ajudas prestadas, pondo à minha disposição um *jeep* e pessoal auxiliar que me acompanhou e auxiliou na colheita de elementos no castro e na *Calçada de Alpajares*.

Ossos

Como se diz atrás vimos alguns fragmentos de ossos humanos em Poiares, na casa do Sr. António Augusto Durão, que teve o louvável cuidado de os apanhar junto do tal achado arqueológico, a sepultura que foi destruída.

Na rápida prospecção que fiz em Março de 1975, junto das duas já referidas paredes, que um presumível pesquisador de tesouros pôs a descoberto, vi e apanhei alguns ossos de coelho: metade de uma mandíbula, três vértebras e cerca de metade de um delgado osso longo (húmero?).

Ao lado alguns pequenos fragmentos de ossos de pequeno mamífero, talvez de cabra ou ovelha.

Metal

De metal há apenas a peça que vai reproduzida na Fig. 1 que representa uma chave. O braço maior da mesma está implantado em ângulo recto, a prumo, sobre o braço menor e parece destinado a desempenhar o papel de braço de alavanca no manejo da chave ao desandar a fechadura.

No braço maior, a face de fora do ângulo está ornamentada com desenho singelo feito por entalhes como se mostra no esquema da mesma Fig. 1.

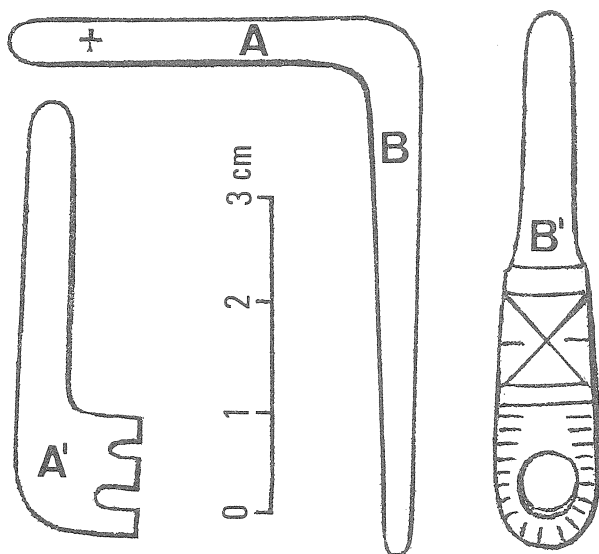


Fig. 1 — Chave (?) de bronze do Castro dos Alpajares. A' vista lateral da face inferior do braço A. B' face lateral direita do braço B. A cruz indica a porção da face inferior do braço A correspondente ao denticulado.

Há referência, corrente na região, a uma «jarra de prata», que teria sido encontrada numa buraca escavada junto da parede que faceia o pombal.

Mármore

Em 28 de Março de 1975 vi no castro três pedaços de mármore.

Um deles de forma subtriangular com 60 cm de comprimento por 40 cm de largura e outros dois pedaços menores.

No gabinete da presidência da Câmara Municipal de Freixo de Espada-à-Cinta vi uma lápide de mármore, infelizmente mutilada, que vai reproduzida na Fig. 16.

Ali vi também um grande pedaço de placa, também de mármore, com uma das faces finamente picotada.

No que respeita a achados, em síntese podemos dizer que as colheitas têm sido escassas.

Nas duas visitas que fiz ao castro e à Calçada de Alpa-jares, à parte alguns pequenos pedaços de telhas de rebordo e também pequenas porções de telhas de caleira e um ou outro bocado de tijoleira, tanto eu como os meus companheiros nada mais encontramos à superfície do terreno digno de nota.

Há que realçar, além do que guardou o Sr. António Augusto Durão, a lápide de mármore, infelizmente mutilada, o grande pedaço de lâmina também de mármore finamente picotada numa face, alguns pedaços de telhões e a chave (?) de bronze, materiais salvos e à guarda do Sr. Ambrósio Alberto Alves Guerra, Presidente da Câmara Municipal de Freixo de Espada-à-Cinta.

A CALÇADA DE ALPAJARES

A *Calçada de Alpa-jares*, *Calçada dos Mouros* é também chamada *Calçada do Diabo*. Grande é o assombro que causa o seu traçado sobre um verdadeiro abismo, como escreveu o Abade de Baçal (Tomo IX, Mem. Arq. Hist. do dist. de Bragança, pág. 211. A calçada começa junto da margem direita do Ribeiro do Mosteiro e trepa a íngreme e pedregosa ladeira até ao castro, conhecido por *Castelo dos Mouros* e ainda também por *Castelo dos Alpa-jares*, castro que assenta no alto e na vertente setentrional do *Monte de S. Paulo*. A calçada deve ter 700 a 800 m de comprimento e nela se contam, pelo menos, 28 curvas ou lacetes.

A cerca de uma centena de metros antes de chegar ao castro a calçada corre sobre um barranco de parede feita de toscas pedras, num comprimento de 40 a 50 m (Figs. 14 e 15).

Em 6 de Fevereiro deste ano de 1980, nas pouco mais de duas horas que ali estive, pude percorrer e olhar um pouco mais atentamente a parte alta da calçada (1).

Junto ao escasso resto da pretensa muralha (Figs. 12 e 13) parte da calçada foi destruída pela máquina que abriu o estradão, que permite a chegada ao castro mesmo de carros ligeiros.

Precisamente à borda do estradão vê-se uma fiada com 2,80 m de comprimento de pedras de quartzo e quartzite, seixos rolados do rio, postos de cutelo, bem encostadas umas às outras, e as da borda, de topo arrimado a pedras maiores que formavam a fiada marginal, ou berma.

Segue-se a primeira porção descendente da calçada que tem uma depressão arregueirada, mas com a calceta firme.

Fui seguindo a calçada no seu pendor suavemente descendente.

O primeiro lanço, com 7 m de comprimento e 2,65 m de largura, termina por um pequeno degrau formado por 5 pedras postas ao través, degrau com apenas 3 dedos de altura, isto é, apenas 5 a 6 cm.

A calçada desce suavemente e numa extensão de 40 a 50 m corre sobre um paredão, posto à direita, com 2 a 3 m de

(1) No leste trasmontano houve além da Calçada de Alpajares, mais uma calçada a que se referiu o Dr. João de Barros, que foi escrivão da Câmara de el-rei D. João III e do seu Desembargo, no livro *Geografia de Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes*. O manuscrito deste trabalho foi publicado pela Biblioteca Municipal do Porto, em cuja pág. 120 se lê:

«Desta Villa da Torre [de Moncorvo] athé Mós vão duas legoas, onde está hua calçada toda de ferro, porque as pedras são mesmo de ferro, e he de duas legoas de comprido. Adiante está a Villa de Mós terra de muito pam e mel. Em Mós ha muitos porcos monteses e as mulheres estão dobando e fiando e tangerem com os pés os folles, enquanto os maridos fazem o ferro.»

Parece que esta calçada de duas léguas de comprido seria a notável estrada de Mós que fui ver há anos. No entanto, a calçada de Mós que fui ver era calcetada sobretudo de xisto e não do abundante minério de ferro (hematite) da Serra do Roboredo. Será referência à Calçada que iria de Moncorvo até Mós? Se assim era, a referência do Dr. João de Barros não é suficientemente explícita de que assim fosse.

altura feito com pedras de quartzite, em três lanços, entre fragas.

Ao lado do primeiro lanço a calçada tem 2,50 m de largura e está em parte invadida por giestas.

Faz em seguida uma curva pouco acentuada onde atinge a largura de 2,90 m.

A um pequeno degrau segue-se um lanço de 11 m de comprimento apoiado pela direita em paredão com 2 m de altura, esburacado em pequena porção, por aluimento de algumas pedras, talvez para caçar coelho que ali se tivesse acoitado (Fig. 14).

A este patamar de 11 m segue-se um outro com 6 m de comprimento e dele separado por um degrau de escassos 10 cm de altura.

Segue-se uma curva em ângulo recto formada por um patamar arqueado e curto.

A calçada continua a descer suavemente em vários lacetes até à plataforma terrosa que antecede a crista da íngreme ladeira. Mediram-se alguns patamares em continuação da suave descida que vai até à plataforma terrosa que antecede a crista da íngreme ladeira. Eis algumas das medidas expressas em metros de quatro patamares: comprimento 9,50, largura 2,45; comp. 5,50, larg. 2,50; comp. 17,10, larg. 2,65; comp. 3,15, larg. 2,90.

Ao motorista do *jeep* da Câmara Municipal que me levou ao Castro do *Monte de S. Paulo* ou *dos Alpajares*, pedi para medir alguns patamares da ladeira a seguir à plataforma terrosa.

Colheu em quatro patamares os seguintes dados expressos em metros; comp. 32,20, larg. 2,70, degrau formado por 5 pedras; comp. 7,00, larg. 1,90, degrau de 4 pedras; comp. 3,95, larg. 1,70, degrau de 6 pedras; comp. 4,35, larg. 1,70, degrau de 6 pedras.

Os elementos colhidos na escassez do tempo de que dispusemos em qualquer das duas prospecções realizadas, permitem, no entanto, concluir que o maior ou menor comprimento dos patamares está em relação com o pendor do terreno em que assentam, bem como com os lacetes ou curvas e o maior ou menor raio destas.

Da crista da ladeira até à Ribeira contei 19 lacetes. Do Castro à crista da ladeira há 9 curvas. Portanto o número total ou lacetes é de 28 (Figs. 6, 7, 8, 9 e 10).

A calçada na quase totalidade da sua extensão, tem talvez 800 metros, está em bom estado de conservação; tem grande interesse arqueológico. Bom era que fosse feito o seu levantamento topográfico.

A calçada é formada por a longa série de 28 patamares uns a seguir aos outros. O *patamar* com pequeno degrau é, digamos, a unidade elementar.

Cada patamar, de forma rectangular, é limitado acima e abaixo por fiadas de pedras postas ao través, faciando a calceta do patamar antecedente e do subsequente, em degrauzinhos com alturas variando entre 5 e 10 cm (Figs. 8 e 9).

Aos lados fiadas de pedras maiores e mais grosseiras a marginar a calceta.

A meio uma fiada longitudinal de pedras menores e mais escolhidas. O resto calcetado de seixos rolados de quartzo e de quartzite espetados na terra e bem ajustados.

O comprimento da cada patamar é variável, e dependente do maior ou menor pendor do caminho. São mais compridos onde a subida é suave, e mais curtos onde é mais acentuada.

Quase todos os patamares têm mais de dois metros de largura, a maioria rondando os 2,40 m.

Nos sítios onde passa entre duas fragas o patamar estreita, mas sempre pelo menos com 1,50 m de largura.

ORIGEM E NATUREZA DA CALÇADA

Há quem tenha querido ver na Calçada de Alpajares uma estrada romana.

Os romanos promoveram a construção de grandes estradas a ligar núcleos populacionais de grande importância demográfica, estradas que eram, ao mesmo tempo, vias de estratégia militar.

Tais estradas eram, geralmente, calcetadas a grandes pedras, e muitas vezes com um substrato para conveniente assentamento das mesmas.

Se é certo que, dum modo geral, a Calçada de Alpajares tem sido correntemente considerada como estrada romana, parece, no entanto, ser plausível pôr a hipótese da sua origem ser talvez medieval.

Mesmo que seja apenas medieval, é de admirar o seu perfeito estado de conservação, sabendo-se que ainda há uns 70 ou 80 anos, e anteriormente, era por aquela calçada que se fazia o caminho de Freixo à Barca d'Alva.

Julga-se de grande interesse o perfeito estudo da Calçada de Alpajares, e do seu levantamento topográfico, que oxalá venha a fazer-se.

A PONTE DO DIABO

Ao abordar o estudo da *Calçada de Alpajares* não se pode deixar de aludir à ponte do diabo que foi lançada sobre a Ribeira do Mosteiro, ponte que, mais abaixo, permitia passar para a margem direita da Ribeira em seguimento da estrada velha de Freixo à Barca d'Alva.

Quem vem da estrada da Barca d'Alva a Freixo, a deixa e segue pela margem direita da Ribeira do Mosteiro, andado cerca de 1 km e a uns 700 ou 800 m do começo da Calçada de Alpajares, vêem-se os encontros da velha ponte, que a lenda refere ter sido feita pelo Diabo numa só noite, à conta da alma de um almocreve ansioso por passar para lá da Ribeira (Figs. 4 e 5).

A lenda

Um almocreve com a sua récuca de machos ansiava passar a Ribeira que em cheia, de leito rochoso, margens empinadas e fragosas, não permitia a passagem a vau.

Desesperado diante daquele obstáculo, que lhe travava a jornada, evocou a ajuda de entidades sobrenaturais, e entre elas a do próprio Diabo.

Este atendeu as suas súplicas e apareceu-lhe, confiadamente e solícito.

Sim senhor. Faria a ponte naquela noite, mas antes havia que ajustar a paga de tão prestimoso serviço.

A ponte fá-la-ia da noite para o dia se o suplicante lhe entregasse a sua alma.

A coisa foi combinada com a seguinte condição posta pelo almocreve.

— Sim senhor, dou-te a minha alma, mas a ponte há-de ficar pronta antes que o galo cante três vezes.

A pesar desta restrição, bem desesperado estaria o almocreve, a ponto de prometer entregar a sua alma ao Diabo.

Firmado o contrato o Diabo trabalhou afanosamente ajudado por crescida multidão de grandes diabos e diabinhos.

De madrugada, ia a ponte muito adiantada, cantou o galo.

— Que galo canta? — perguntou o Diabo.

Os seus ajudantes prontamente o informaram.

— É o amarelo.

Ao que o Diabo alegremente comentou: — Gira o martelo.

Passado um grande pedaço de novo o galo cantou.

— Que galo canta? — perguntou o Diabo.

— É o branco.

Imediatamente o Diabo, em voz de comando, gritou:

— Então gira o palanco.

Estava a ponte quase pronta, pois só faltava assentar algumas poucas pedras, quando pela terceira vez cantou o galo.

— Que galo canta? — perguntou ansiosamente o Diabo.

— É o galo preto.

Foi então que o Diabo desalentado e contrafeito teria dito:

— Pára o carroto.

Ao ouvirem aquela ordem os diabos que acarretavam pedras para o remate da obra, largaram as pedras, desapareceram por encanto e sumiram-se nas profundas dos infernos.

Por isso a ponte ficou por rematar, e assim, passados tempos, foi arrazada por uma enxurrada torrencial sequente a uma aterradora trovoada ⁽¹⁾.

(1) A ponte da Ribeira do Mosteiro era dum só arco e tão alta, que o povo considerou que tal ponte só podia ter sido feita por artes do Diabo.

Julgo vir a talho de foice referir algumas pontes que o nosso povo, lendariamente considera também como sendo feitas pelo diabo. Citaremos as pontes da Misarela, da Aliviada, a de entre Teixoso e Caria (Serra da

Outra lenda

Corre na região outra lenda em que o Diabo actua também como artífice canteiro, não da ponte, mas da própria Calçada de Alpajares que se diz ter sido feita de um jacto numa tremenda noite de tempestade.

Reza a lenda que um frade em calamitosa noite de tempestade, transviado, perdido naquela noite de temporal desfeito, aterrado pela fúria do tremendo vendaval e da chuva caída a cântaros, evocou o auxílio do Diabo ao qual daria a sua alma se lhe abrisse o caminho de modo a chegar naquela noite ao seu convento são e salvo.

O Diabo acorreu à angustiosa chamada do desolado frade, aceitou a condição de a calçada ser feita naquela noite e meteu mãos à obra.

Estrela) e as de Vale de Telhas e de Abreiro, ambas no concelho de Mirandela.

A referência à ponte entre Teixoso e Caria é curta e vem publicada na pág. 41 de «O Archeologo Português», vol. VI, Lisboa 1901, nos *Extractos da correspondência de F. Martins Sarmiento*, págs. 30 a 50. Martins Sarmiento tomou parte, como Presidente da Secção de Arqueologia, na Expedição que a Sociedade de Geografia organizou em 1881 à Serra da Estrela. A pedido de Leite de Vasconcelos colheu notas de etnografia. Da carta de 22 de Agosto de 1882, escrita de Ancora, Leite de Vasconcelos transcreveu a seguinte passagem: «Conhece-se também uma ponte feita pelos Galhardos (diabos). Havia de ser feita antes que o galo cantasse. Quando cantou o primeiro galo a ponte estava ainda incompleta e um dos Galhardos disse: «Vamos que já canta o galo. — Foi o galo pardo? — objectou um outro. Não, foi o galo preto romano». A ponte fica entre Teixoso e Caria».

As duas pontes trasmontanas de Vale de Telhas e de Abreiro merecem mais larga transcrição.

A lenda da construção pelo Diabo da ponte de Vale de Telhas vem descrita na pág. 364 das Mem. Arq. Hist. do Dist. de Bragança, Tomo IX, Porto, 1934.

«Segundo a lenda, a ponte de Vale de Telhas, concelho de Mirandela, foi construída uma noite pelo Diabo, que, aproveitando-se do desespero de um almocreve, por não poder atravessar o rio, lhe fez a proposta da sua erecção em troca da alma. Aceite o contrato, lavrada a escritura com o sangue tirado do braço do almocreve, surdem legiões de espíritos infernais em *fervet opus* diabólico. Desmontam, escarcham, carream, esquadram, acepillam, assentam, aprumam, rajam, camboteam: a obra cresce a olhos

Quando o galo cantou pela segunda vez (sic) começou a ser dia e então o Diabo e todos os muitos outros diabos e diabitos que toda a noite o tinham ajudado afanosamente, desceram às profundas do inferno, através do Poço da Brita que existe na Ribeira, poço tão fundo que nunca se pôde medir-lhe a fundura.

Quem quer que percorra a Calçada de Alpajares não deixará de pasmar com assombro perante aquela empinada ladeira, e de exaltar o arrojo e perícia de meter tal estrada a trepar aquela abrupta e pedregosa encosta.

Como é natural têm sido muitas as referências à Calçada de Alpajares.

vistos. Entretanto, o símbolo da vigilância, aquele que espanta as trevas saudando o novo dia, que começa a esboçar-se, bate as asas e... *có, cró, có*. — Galo canta! — observou o lugar-tenente de Satanás. — Que galo é? — perguntou este. — Galo pinto. — Ande o pico — contestou aquele. Instantes volvidos torna o mesmo: — Galo canta. — Que galo é? — Galo branco. — Ande o canto. Ainda não tinham bem terminado e novamente diz o lugar-tenente: — Galo canta. — Que galo é? — Galo preto. — Pico quedo — rouquejou o Diabo. Tudo parou; a ponte ficou incompleta por falta de uma pedra nas guardas, que um diabrillo já trazia às costas e deixou cair ao chão mal souo a ordem de parar e assim se conserva, pois, conquanto muitas vezes a tenham lá colocado, logo cai de noite, arrojada por Satanás. O almocreve ficou com a alma e com a ponte.»

Lenda semelhante às anteriores corre quanto à *ponte de Abreiro* sobre o rio Tua, ponte composta de dois arcos, um dos quais gigantesco.

O Abade de Baçal, no Tomo IX, pág. 93 das suas cit. Mem. Arq., dá conta da lenda referente a essa ponte, feita pelo Diabo numa noite, «que prometeu também fazer uma estrada da ponte à povoação, a troco da alma que uma moça lhe entregaria, para mais comodamente passar o rio, afim de buscar água a uma fonte na margem esquerda». Como nas outras lendas citadas a ponte devia ficar pronta antes de raiar o dia. Afanosamente trabalhou a legião de demónios. Em dada altura cantou o galo. — Que galo é? — perguntou o Diabo mestre da obra. Informaram-no que era o galo branco, ao que o mesmo, contestando, ordenou. — Ande o canto, A breve espaço novo *có, cró, có*. — Que galo é? — inquiriu o Diabo mestre. — É o galo preto. — Pico quedo. E tudo parou. «Faltava apenas uma pedra por assentar nas guardas da ponte e assim ficou, pois, por mais vezes que os homens a tenham lá colocado, aparece derrubada pelo Diabo no rio na noite seguinte».

O Abade de Baçal, na mesma pág. 364, acima indicada, realça o valor do canto do galo, que, anunciando o dia, representa «o triunfo da luz sobre

Uma remota de essas referências, feita no séc. XVII, é a de António Coelho Gasco ⁽¹⁾, que foi «juiz de fora dos orfãos e capitão-mor, por Sua Magestade, e em alçada por o dito Senhor, da vila de Freixo de Espada-à-Cinta, no tombo das antiguidades de Trás-os-Montes feito «por mandato de Sua Magestade»».

O Abade de Baçal, no Tomo X, Etnografia, Arqueologia e Arte, das suas *Memórias Arqueológicas e Históricas do Distrito de Bragança*, Porto 1938, com 845 págs. mais 21 de índice e 89 Figs., nas págs. 682 e 683 faz transcrição do manuscrito do referido tombo ⁽²⁾ no que diz respeito a Alpajares e a Alva.

Transcrevo as seguintes passagens.

«No termo desta vila [de Freixo de Espada-à-Cinta], está em hum alto monte hua grande povoação, toda ruinada, decla-

as trevas e os espíritos infernais, sempre dispostos a guerrear os vivos Enfim, a eterna luta entre o bem e o mal; o Diabo e os anjos bons».

No livro *As Terras de Entre Sabor e Douro*, por José Manuel Martins Pereira, Setúbal, 1908, 519 págs, mais XVIII de índice e 1 carta da região, na pág. 27 faz-se referência à *Calçada de Alpajares*, também chamada *Calçada Mourisca*, e bem assim à *ponte do Diabo*.

O A. conta a lenda: um «viandante a cavallo», esbarrou na Ribeira; desejo de prosseguir a jornada, pediu a Deus e ao Diabo que lhe valessem. Acudiu-lhe o Diabo que, «antes que cantasse o galo preto», se propôs fazer não só a ponte mas também «uma estrada, para seguir a viagem sem o mínimo perigo». O viandante prometeu dar-lhe a alma, e Satanás logo pôs mãos à obra. «Mas quando o infernal pedreiro conduzia as últimas pedras da guarda da ponte, canta o galo preto e o homem pôde atravessá-la e seguir seu caminho sem comprometer a sua alma».

⁽¹⁾ António Coelho Gasco, conforme se lê na pág. 685 do Tomo X das Mem. Arq. Hist. do Dist. de Bragança, era «Doutor em leis pela Universidade de Coimbra, onde terminou o curso em 15 de Julho de 1617, natural de Lisboa, filho de Gaspar Coelho Gasco. Faleceu em 1666 no Grão-Pará (Brasil), onde era auditor-geral.

⁽²⁾ Este códice, existente na Biblioteca da Universidade de Coimbra (X 601, f. 100 a 120), precioso códice, como lhe chamou o Abade de Baçal (T. X, pág. 685), foi dedicado ao arcebispo de Braga D. Rodrigo da Cunha, e tem o seguinte título: *Antiquario discurso dedicado ao Ill.^{mo} e Rd.^{mo} S.^{or} D. Rodrigo da Cunha, Senhor della, Primas das Hespanhas, e elleito Metropolitano de Lisboa:*

Este manuscrito foi publicado pelo Conservador da Biblioteca da Universidade de Coimbra, Dr. António Cruz, sob o título: *Um inédito de António Coelho Gasco sobre antiguidades de Trás-os-Montes*, Coimbra,

rando só sua ossada, que fôra em algum tempo populosa cidade, conservando e auiventando ainda, em nossos dias, em suas destroçadas ruínas, seu nome de Aluia, que já Ptolomeu nela falou, e a teve por lugar insigne em Espanha, e Vvamba Português, e monarca Godo dos Espanhos, nas repartições que dos bispados fez, nella falou, se uai por hua altissima serra a ela, que no cume corre, hua notavel calçada, feita pelos romanos, que uai rodeando, em voltas e em giros, com tal traça fabricada, que bem pode passar hu coche, obra dignissima de algum emperador.

«De hũa parte, e da outra, vai acompanhada de mui altos, e intratáveis rochedos, que parecem cidades arroinadas, moradas de feroces porcos monteses, aonde, de contínuo, voão aguias reais; a qual estrada contem em si hum bom quarto de legua; hê chamada, vulgarmente, Alpojares, e de outros Balpojares, nome corrupto e enchacoco, de que os caminheiros para aleuiarem o cansasso do caminho, coriosas fabolas, delle, contão».

«Ainda no lugar de Aluia, se mostra, em seus sarmentos, hum castello, e muros derrubados, lançados quasi tudo por terra, por ser o tempo consumidor dos mais nobres e poderosos ugares (sic), e semelhante na braueza ao raio que tem por condição mostrar sua força com outra cousa mais forte, e mais dura.....

«Nas ruínas de Aluia, deitada junto a hua fonte de mui boas agoa, está hum pedestal laurado, com frisos Romanos que fora

1935, 8.º de 34 págs., acompanhado de notas, resenha bio-bibliográfica do autor, bem como de um texto fac-similado do mesmo.

O Dr. António Cruz em preito de homenagem dedicou o trabalho ao Abade de Baçal.

Na mesma pág. lê-se: «D. Rodrigo da Cunha foi arcebispo de Braga desde 1627 a 1635, e durante este período visitou a região de Freixo de Espada-à-Cinta, onde Gasco, era juiz de fora e lhe apresentou cumprimentos de boas vindas no discurso de recepção, pleno de erudição clássica e antiguidades, colhidas na província trasmontana, quando fazia «o tombo por mandado de Sua Magestade», como declara no mesmo discurso.

de hum altar de Jupiter, que Appio Claudio lhe consagrara, chamando-lhe por excelência, O Optimo, e Maximo.»

I O V I : O P T :
 E T : M A X : A
 P P : C L A V D :
 : F :

Em fundo de pág. o Abade de Baçal dá desta lápide a seguinte leitura: Iovi Optimo et Maximo, Appius Claudius Fecit.

CONCLUSÕES

O Castro do Monte de S. Paulo ou dos Alpajares está, pode dizer-se, totalmente destruído.

O mesmo sucedeu à capela de S. Paulo, que foi derruída para com a pedra fazer o pombal que lá existe.

É quase certo que para construir a capela terá sido aproveitada pedra das muralhas, que, muito provavelmente, devem ter existido.

Duas velhas sepulturas rectangulares abertas lado a lado numa fraga de xisto junto e abaixo do pombal, e uma terceira sepultura, aparecida em Junho de 1973, deram alguns ossos humanos muito fracturados.

Nas duas visitas que fiz ao castro, todo plantado de amendoeiras, na terra revolvida por lavragem, vimos poucos e pequenos pedaços de tégula (telha de rebordo), de telha de caleira ou capelão e de tijoleira.

Na casa do Sr. A. Augusto Durão, em Poiares, e na Câmara Municipal de Freixo de Espada-à-Cinta há alguns pedaços de cerâmica, duas pedras de mármore, uma delas lápide sepulcral bastante mutilada e uma estranha chave de bronze (Fig. 1).

Merece especial referência o caco de cerâmica sigilata colhido pelo Sr. Augusto Durão, que teve a gentileza de mo oferecer.

A distinta arqueóloga e prestigiosa Directora do Museu Monográfico de Conímbriga, Dr.^a D. Adília Alarcão, classificou-a

como sigilata hispânica tardia, porção de vaso, que, pela forma da pança bojuda, considerou como Dragendorff 37 hispânica tardia.

A *Calçada de Alpañares* tem cerca de 700 a 800 metros de comprimento. É formada por uma série de 28 patamares de forma rectangular, empedrados com seixos rolados e limitados, acima e abaixo, por fiadas de pedras postas ao través, formando pequenos degraus. Aos lados e a meio dos patamares outras fiadas de pedras (Figs. 8 e 9).

O comprimento dos patamares varia com o pendor do terreno em que assentam. Há-os pequenos com 3 e 4 metros e grandes com 30 e 40 metros. A sua largura é também variável: em média dois metros e meio.

Relacionada com a calçada havia uma ponte sobre a Ribeira do Mosteiro que foi destruída por uma grande cheia. Tanto a calçada como a ponte foram consideradas pelo povo como obra do Diabo e feitas da noite para o dia, como rezam as lendas que vão referidas.

Dado o interesse arqueológico da calçada, importa que da mesma seja feito um estudo pormenorizado e o seu levantamento topográfico.

A Câmara Municipal do Freixo de Espada-à-Cinta, concedeu à nossa Sociedade Portuguesa de Antropologia um subsídio de 23 500\$00 esc. para ajuda da publicação do Fasc. 4 do Vol. 23 da revista da S.P.A., em que é publicado o Trabalho do Castro dos Alpañares e sua calçada.

À Câmara Municipal de Freixo, na pessoa do seu ilustre Presidente se testemunham sinceros agradecimentos.



Fig. 2 — Os montes da Ribeira do Mosteiro visto da estrada para a Quinta de Santiago. A meio do último plano o cabeço do Monte de S. Paulo ou Castro dos Alpajares.



Fig. 3 — Pormenor da figura anterior mostrando o pedregoso Monte de S. Paulo e no fundo a Ribeira do Mosteiro.



Fig. 4 — Encontro na margem direita da velha ponte do Diabo.



Fig. 5 — Pormenor da figura anterior.



Fig. 6 — Calçada de Alpajares. Uma volta em V.



Fig. 7 — Calçada de Alpajares. Trecho colubriforme.



Fig. 8 — Calçada de Alpajares. Sucessão de 6 patamares antecedendo uma recta.



Fig. 9 — Os patamares são limitados por fiadas de pedras postas ao través.



Fig. 10 — Trecho da Calçada de Alpajares ao chegar ao alto da ladeira.



Fig. 11 — O castro dos Alpajares visto da encosta sobranceira do lado norte.

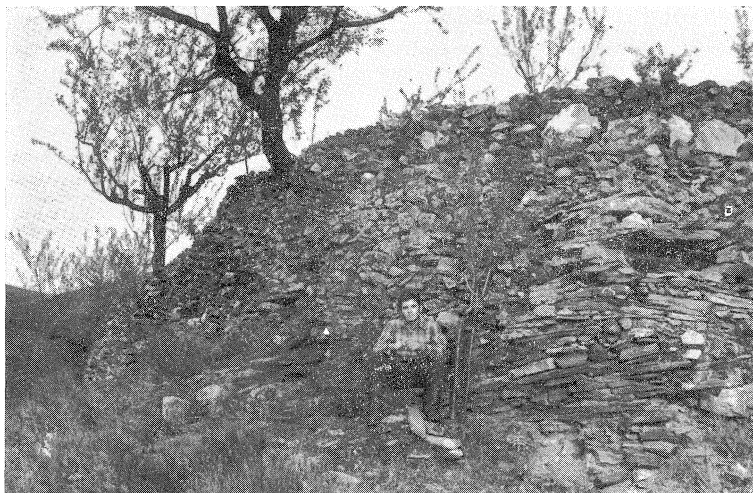


Fig. 12 — O que resta da muralha.



Fig. 13 — Pormenor da figura anterior. A bengala mede 82 cm.



Fig. 14 — Porção do paredão que serve de apoio à calçada. A bengala mede 82 cm.

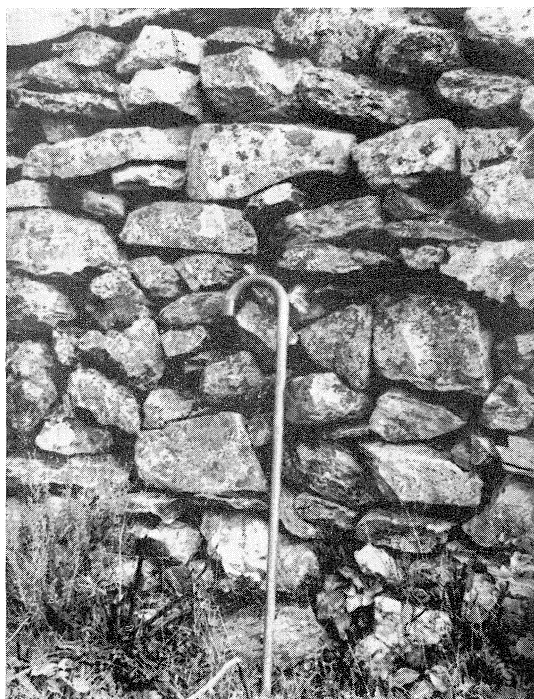


Fig. 15 — Pormenor da figura anterior.



Fig. 16 — Lápide de mármore que se guarda na Câmara Municipal de F. E. C.



Fig. 17 — Porção de vaso, grande, de «sigillata hipânica» tardia, de forma Dragendorf 37.